

Elizabeth Adler

INTRIGA EM
MONTE CARLO

Tradução
Inês Castro

*Quinta Essência**

Los Angeles. Véspera de Natal

SUNNY ALVAREZ embarcou no voo da Air France com destino a Paris. Custara-lhe todas as suas preciosas milhas aéreas e uma grande quantia de dinheiro, mas se ia ser infeliz seria em primeira classe. Com estilo. E sozinha.

Não usava maquilhagem, nem sequer o elegante batom vermelho da praxe. Óculos de lentes coloridas e sem armação ajudavam a disfarçar os olhos, inchados de chorar. Alta, esbelta e com uma cascata de cabelo escuro que lhe balançava por cima do rosto, parecia mais nova que os seus trinta e seis anos e, de algum modo, vulnerável. Vestia calças de ganga justas enfiadas em botas altas pretas de carneira da marca *UGG*, uma camisola de gola alta preta de caxemira, um casaco curto assertoado preto, que agora despiu e entregou ao comissário de bordo, antes de se atirar para o assento confortável de pele que se podia reclinar para mais tarde poder dormir estirada a todo o comprimento. Se conseguisse encontrar o «sono» outra vez. O voo era longo. Onze horas.

Onze horas sem Mac Reilly.

O noivo era o famoso detetive da televisão com o seu programa próprio, *Os Mistérios de Malibu de Mac Reilly*, um homem bem-parecido naquela sua forma um pouco desgastada, descontraída, autoconfiante... *Não*, raios! Mac era mais do que

isso. Era *sexy*, atraente, com olhos azuis que olhavam para os seus com paixão quando fazia amor com ela... *Não!* Deveria dizer quando faziam amor *juntos*. Porque fazer amor com Mac Reilly, a sensação das mãos dele no seu corpo, a forma como a pele dele se alisava sob as suas próprias mãos, a forma como a sua pele parecia fundir-se sob as dele, o choque elétrico que os lábios dele nos dela sempre lhe provocavam, como que fazendo uma ligação direta, criando-lhe tremuras por todo o corpo até não conseguir pensar senão em sexo, sexo com ele...

Conhecera Mac numa festa de imprensa para o dito programa televisivo. Ele contara-lhe que reparara logo nela na outra ponta da sala. «Como podia deixar de notar, com essa indumentária?» fora o que na realidade dissera.

Vestia na altura uma camisola de gola alta preta, uma minissaia branca minúscula e as botas da moto, tipo rapariga durona, porque viera a guiar a sua *Harley*. Mac batera-lhe ao de leve no ombro e ela vira-se a olhar para um tipo vigoroso de calças de ganga e *T-shirt*, cujos olhos de um azul intenso a admiravam como se fosse a melhor coisa que vira a noite inteira.

Perguntara-lhe como se chamava e ela dissera que sabia quem ele era. Nenhum deles estava a beber porque iam guiar, mas ambos tinham tido aquela sensação extasiada de se acharem noutra planeta onde até o barulho da festa parecia de repente abafado. Mais tarde, Mac contara-lhe que reparara em primeiro lugar nas suas botas pesadonas e Sunny explicara que reparara nos braços musculados dele e que desejara logo que ele a abraçasse ali mesmo, não interessava quem estivesse a ver.

Claro que eram opostos completos: Mac subira a pulso das ruas de Boston e da envolvente criminal de Miami até chegar a detetive privado e à personalidade televisiva que era agora; e ela fora a criança selvagem, meio latina, que crescera num rancho, bela, muito inteligente e meia desmiolada, mas neste momento com um curso de gestão de Wharton e determinada a ser uma mulher independente.

Fora, como tinham dito um ao outro tantas vezes, amor à primeira vista. Olhares que se cruzavam nas duas pontas de uma sala ou talvez um pouco mais perto.

E era assim que as coisas eram. E tinham sido. Até agora.

Para! Sunny endireitou-se na sua cadeira de avião, empurrou o cabelo comprido e escuro para trás, apanhou-o num rabo-de-cavalo com um pauzinho de madeira e aceitou o copo de champanhe que o comissário de bordo lhe oferecia.

Fitou o copo que tinha nas mãos sem na realidade o ver. Já não era a noiva de Mac. Estavam juntos há quatro anos e deveriam casar-se no próximo mês, mas ele alterara de novo os planos. Mac também concordara que se casariam no ano anterior e umas duas vezes antes disso. Sempre que a ocasião se aproximava, surgia qualquer outra coisa. Outro mistério que tinha simplesmente de aceitar. Não conseguia dizer que não. Exceto, ao que parecia, a Sunny.

Desta vez fora a última gota, ela até já comprara o vestido, creme, branco não parecia tão bem no inverno. E de renda, embora não fosse por norma uma rapariga dada a rendas. Elegante, justo ao corpo bastante perfeito, pois, mesmo sendo ela a dizê-lo, *era* um bom corpo. Um corpo *fantástico*, fora o que Mac sempre dissera.

Sunny esticou as pernas compridas nas botas confortáveis de carneira, pelo joelho, fitando-as, mas, de novo, não as vendo. Estava a observar o anel de noivado com o diamante cor de rosa em forma de coração que deixara em cima da almofada de Mac, acompanhado de um pequeno bilhete de despedida. *Vou deixar a tua vida*, escrevera. *Não há lugar para mim, só para o teu trabalho. Boa sorte.* Assinara-o apenas com a inicial S.

Ouviu-se um ganido na mala *Vuitton* para cães. Olhou para a pequena *chihuahua*, a espreitar para fora com ar pesaroso. *Tesoro* pesava quilo e meio. «Um demónio de quatro patas», chamava-lhe Mac e tinha razão, a *chihuahua* já lhe ferrara os dentes e as garras em muitas ocasiões, além de intimidar

o próprio cão de Mac, o rafeiro maltrapilho só com um olho e três pernas que Mac adorava e cuja vida salvara e que dava pelo nome de *Pirate*. Fora a rixa de *Tesoro* com *Pirate* que impedira Mac e Sunny de viverem juntos, embora agora Sunny pensasse que talvez até tivesse sido bom. Deixar uma casa que tivessem partilhado, a casinha excêntrica de Mac na praia de Malibu, teria sido duas vezes mais difícil.

Preparavam-se para a descolagem. Prendeu *Tesoro* na sua mala num assento adjacente, recostou-se para trás, sentiu o esticão quando o avião descolou. Acabara-se. Partira.

Uma lágrima gotejou-lhe pela face. Ia a caminho de Paris. *Sozinha*.

—**F**ELIZ NATAL.

O homem à sua esquerda erguia o copo numa saudação.

— É véspera de Natal, sabe? Mesmo com as nove horas de diferença horária ainda é véspera de Natal em Paris.

Sunny assentiu de forma distante. Não queria conversar. Naquele momento nem sequer conseguia falar com um amigo, muito menos com um desconhecido. Fora-se embora por impulso, comprara o bilhete de avião *online*, enfiara algumas coisas numa mala, acondicionara *Tesoro*, deixara o bilhete para Mac, apanhara um táxi para o aeroporto. Não fazia ideia de para onde iria quando chegasse a Paris.

Assaltou-a uma onda de pânico. Quis sair do avião, voltar para Mac. *Não sabia como ser «Sozinha».*

Controlou-se. O homem ainda olhava para ela, com um sorriso impreciso nos olhos. Sunny conseguiu dizer «Obrigada. Feliz Natal para si também», mas os lábios pareciam perros, como se não estivesse habituada a falar. Bebeu um pequeno gole de champanhe num esforço para os descolar.

— Vai passar o Natal em Paris?

Aquele tipo não desistia. Será que não percebia que ela não queria falar?

– Não – mentiu.

– Eu também não – retorquiu o homem, sorrindo e esticando as pernas compridas.

Parecia tão à vontade, tão confortável consigo próprio e com a sua vida que Sunny, de repente, detestou-o. Examinou-o pelo canto do olho, por trás dos seus óculos *Silhouette* de tonalidade cor de âmbar e sem aros. Era atraente. Alto, corpo anguloso, cabelo de um loiro-escuro que caía como seda por cima de olhos escuros. Seriam azuis ou castanhos? Cor de avelã, talvez? Não conseguia perceber por causa da sombra que deslizava sobre eles. Nariz forte, boca cheia, uma boca *sexy*, não estava assim tão acabrunhada que não fosse capaz de reparar nisso. E onde teria arranjado aquele bronzeado? Não na Califórnia naquele inverno, isso de certeza. O tempo estivera frio e húmido.

– Demasiado frio para Paris – disse o homem. – Estão a prever neve.

– Neve? – repetiu Sunny, espantada. Pensara em «frio» talvez, mas não «neve».

– Para si não há problema, no entanto, está vestida para isso.

Sorria, a olhar para as botas dela. Sunny adorava aquelas *UGG*. Era como se fossem as pantufas mais quentes e mais cómodas, a pele de carneira enrolada à volta dos dedos dos pés entorpecidos de forma tão suave, tão terna. Raios, nunca mais usaria outra coisa senão aquelas botas. Nem sequer as novas, deslumbrantes, que comprara na semana anterior, a antecipar uma série de festas de Natal, diversão e alegria; uma árvore; uma lareira acesa; talvez até um beijo debaixo do azevinho.

Não ponderara no que fazer mal chegasse a Paris. Nem sequer marcara um hotel, não pensara nisso. Entrar no avião fora só o que conseguira fazer. Bem, agora tinha outras dez horas para resolver as coisas.

O desconhecido aceitou um segundo copo de champanhe que o comissário de bordo lhe oferecia junto com uma pequena bandeja de *hors-d'oeuvre*. Sunny fez o mesmo.

Um grande gole de champanhe não a fez sentir-se melhor. De novo pelo canto do olho, viu que o homem a fitava, o sorriso divertido a repuxar-lhe agora os cantos da boca. A boca *sexy*, pensou com amargura. Porque havia de ter uma boca *sexy* que lhe recordava Mac? Porque não poderia ter sido um homem de negócios normal com o nariz enterrado nalguns documentos importantes que tinha de ler para uma conferência no dia seguinte em Paris? Oh! Esquecia-se. Amanhã era dia de Natal. Os «homens de negócios» já se encontravam em casa com as famílias. Porque não estava *este*?

– Vejo que gosta de champanhe. – O homem bebeu um pequeno gole do seu copo quase cheio. O dela já ia pela metade.

– Às vezes – retorquiu com brusquidão.

Ele suspirou, mas o seu sorriso alargou-se.

– É uma bebida para festividades. Talvez possamos celebrar o Natal juntos?

Sunny não respondeu e ele encolheu os ombros, olhando em volta. Só havia mais duas pessoas em primeira classe; um casal, com as cabeças coladas, a vários lugares de distância. Sunny ouvia-lhes o riso baixo. Tentou desligar os ouvidos para não o escutar. Não era justo que eles fossem felizes e ela se sentisse a morrer por dentro.

– Calculo que vá a caminho de casa, para junto da sua família? – perguntou, emborcando a outra metade do copo de champanhe. Desejou de imediato não ter feito uma pergunta tão pessoal. Mas tinha. Bem, que diferença fazia?

– Não. Estou sozinho nestes dias de férias.

Fitou-o, a sério, pela primeira vez. Ele devolveu-lhe o olhar, solene.

– Eu também – retorquiu.

Presentiu que, como ela, aquele homem possuía uma história atrás dele que não lha ia contar. E ela também não. Encontravam-se num voo de onze horas para Paris; temporariamente, o resto do mundo não existia. Naquele momento, já não se achava «Sozinha».

Tesoro ganiu na sua mala transportadora e Sunny puxou-a para fora. Apertou a minúscula cadela castanha, beijou-a com ternura, sorrindo pela primeira vez ao dizer:

– Chama-se *Tesoro* e é bastante feroz.

– Aposto que é.

O homem estendeu as mãos e Sunny passou-lhe a pequena cadela com o coração na boca, pois conhecia a tendência de *Tesoro* para uma mordidela rápida. O homem levou a cadelinha ao rosto, olhos nos olhos. *Tesoro* nem sequer se retorceu. Não ganiu. Não latiu. O homem pousou-a no seu colo e ela enroscou-se, cauda passada por cima de um pequeno flanco, a fitar Sunny como se dissesse: bem, o que esperavas? Deixaste-me naquela estúpida mala durante uma hora e agora este homem está a dar-me imensa atenção.

Talvez devesse aprender alguma coisa com a cadela, pensou Sunny, fitando o homem com novo respeito.

– Vamos apresentar-nos? – perguntou ainda a olhar para ele.

Ele sorriu.

– Trate-me apenas por Príncipe Encantado.

Sunny percebeu que sorria também. Um sorriso aguado, mas ainda assim um sorriso.

– Nesse caso, eu devo ser a Princesa – respondeu.

Não pensava em Mac há pelo menos três minutos.

Malibu. Véspera de Natal

MAC REILLY ainda se encontrava no grande estúdio de televisão, tipo hangar, em Santa Monica, na Califórnia. Sabia que as lojas fechavam cedo na véspera de Natal e ainda não comprara um presente para Sunny. Ou meia dúzia de presentes, que era o seu estilo habitual. Adorava amimá-la com o inesperado. Não se lembrava com exatidão do que lhe comprara no Natal passado, mas recordava-se de se sentir muitíssimo tentado por um belo gatinho siamês, oferecido por um criador bastante conhecido. A imagem *online* mostrara uma pequena beldade em tons creme e chocolate com olhos enormes de um azul-claro tão brilhante que ele, amante de cães, se apaixonara. Por fim, porém, fora obrigado a ser prático. O seu cão, *Pirate*, sem dúvida que se teria apaixonado também pelo gatinho, mas quanto à *chihuahua*... nem pensar. *Tesoro* faria frente a um urso se este se aproximasse de Sunny. Um pouco como o próprio Mac. Acabara por lhe comprar brincos de diamantes, tão pequenos e delicados como as belas orelhas dela.

À tarde, depois da escolha e da compra do presente terem sido, esperava, completadas com rapidez, Sunny e ele iriam até ao parque de estacionamento de Malibu onde vendiam árvores de Natal e onde, sem dúvida, ela escolheria, como sempre acontecia, uma árvore tão alta que ele juraria não caber na sua

pequena casa. E, como sempre, teria razão e acabaria por serrar o topo da árvore que Sunny amarraria então ao corrimão do deque que dava para a praia e transformaria numa miniárvore de Natal com luzes de muitas cores, nada dessa coisa afetada de tudo branco para a sua namorada, e sempre com uma estrela em cima improvisada a partir de papel de alumínio. A seguir iriam ao supermercado buscar o peru com todos os acessórios; ele poria uma carga de lenha no carro e, na loja de vinhos, escolheria uma garrafa de *Porto* para depois do jantar, porque, de alguma maneira, isso parecia-lhe sempre muito natalício.

Mais tarde, aconchegados debaixo de cobertores lá fora no deque com os cães, que, esperava, estariam satisfeitos e a denpicar os ossos que Sunny pedira no talho, partilhariam uma garrafa de champanhe. Pendurariam as meias por cima da lareira, as meias dos cães também. E, quando o relógio batesse as doze, assinalando o início do dia de Natal, beijar-se-iam. Um beijo de amor profundo porque sabia Deus que a amava e sabia que ela o amava. Iriam para o quarto e aninhar-se-iam por baixo do edredão de penas, que a deixava sempre com frio e o fazia suar a ele, e ou faziam amor ou adormeceriam nos braços um do outro. Ou se calhar ambas as coisas.

Um sorriso iluminou o rosto de Mac ao pensar nos prazeres que aí vinham. Mal filmassem aquelas últimas cenas. Não percebia porque não podiam ter terminado no dia anterior, mas, de algum modo, parecia ser sempre a mesma coisa.

Olhou para o *set*, mas ainda estavam a deslocar coisas e o realizador encontrava-se mergulhado numa conversa e troca de opiniões com o tipo da iluminação, todos amigos de longa data de Mac e todos, sabia, tão ansiosos por sair dali quanto ele. Entediado, consultou o *e-mail*. Nada de importante, o que significava nada da parte de Sunny.

Mac entendia que Sunny ficara muito perturbada com a questão de adiar o casamento, «mais uma vez», como dissera num tom meio incrédulo, meio entristecido, de uma forma que lhe

trespassara o coração, mesmo que estivesse a tentar fazê-la compreender que tinha compromissos com todas aquelas pessoas que contavam com ele para a manutenção dos seus próprios empregos, bem como com as que tinham assassínios por resolver ou desaparecimento de seres amados e que precisavam dele para conseguirem alguma paz de espírito. Só que desta vez Sunny não se importara com a paz de espírito de outras pessoas e, lá no fundo, Mac sabia que o que ela dissera era verdade. Ele simplesmente nunca conseguia dizer que não a alguém que precisasse da sua ajuda.

A palavra Paris chamou-lhe a atenção nos títulos noticiosos. *Paris*. Um sítio que, no ano anterior, os deliciara aos dois, Sunny e ele. Recordou o quarto no Ritz que ela conseguira que o diretor do hotel lhes reservasse quando Paris se encontrava esgotada; a cama deslumbrante, a banheira para dois, o corpo belo dela, o seu exuberante cabelo comprido e escuro, húmido do chuveiro onde tinham feito amor... Mas este *flash* noticioso não tinha a ver com a Paris dos dois. Tinha a ver com um assalto temerário a uma joalheria da moda, três loiras com máscaras e um ato sádico de violência que deixara uma jovem empregada de loja com o rosto partido.

O assistente chamou-o de volta ao *set*. «Mais outra meia hora e terminamos, meu», disse-lhe com um sorriso agradecido e, esquecendo Paris e o roubo, Mac regressou ao trabalho. Meia hora e ficaria livre para fazer as suas compras, livre para estar com Sunny no Natal. Talvez naquela noite, depois do jantar, até vissem a reposição de *White Christmas* na televisão. Ou o título do filme seria *Holiday Inn*? Bem, era aquele em que Bing Crosby diz qualquer coisa do género, «*Okay*, miúdos, vamos montar um espetáculo» e salva a velha estalagem da bancarrota. Era um dos seus favoritos, e de Sunny também, quase sabiam os diálogos de cor. Viam-no juntos todos os natais e sabia que este ano não constituiria exceção.